

A AVENTURA AMERICANA VIVIDA E CONTADA NO FEMININO

por
Maria da Graça A. Mateus Ventura*

Introdução

Importa, em primeiro lugar desfazer qualquer equívoco sugerido pelo título deste texto. A palavra das mulheres sobre a aventura americana, ou seja sobre o descobrimento, conquista e colonização da América, é absolutamente marginal no que respeita à narrativa dominante deste processo. Efectivamente, os textos narrativos correspondem a uma autoria masculina que reflecte a dominância da presença e intervenção dos homens na configuração hispânica da América, na sua qualidade de soldados – cronistas ou cronistas oficiais, pilotos ou capitães. Num universo de conquista marcadamente masculino, as mulheres são personagens secundárias. É na epistolografia que ganham algum destaque como narradoras ou receptoras de mensagens sobre a ausência enquanto universo de sentidos – saudade, «extrañamiento» ou sensualidade insatisfeita. É, na verdade, neste domínio que as mulheres se revelam na sua condição de mães, esposas ou viúvas. Claro que poderíamos mencionar mulheres com protagonismo excepcional como Sor Juana Inés de la Cruz¹, a monja eru-

* Instituto de Cultura Ibero-Atlântica (Portimão).

¹ Juana Inés de la Cruz, de nome verdadeiro Juana Ramírez de Asbaje, nasceu em San Miguel de Nepantla c. de 1651, filha de mãe crioula e de pai espanhol. Precoce na manifestação dos seus talentos literários, frequentou com brilhantismo a corte vice-reinal do Marquês de Mancera. Por ser mulher, não pôde frequentar a Universidade, mas as suas relações com os eruditos hispânicos, entre os quais Carlos de Sigüenza y Gongora, estimularam a sua produção literária no convento de S. Jerónimo onde se refugiou. Autora de

dita, ou D. Catalina de Erauso, a monja alferes que se travestiu para participar nas campanhas militares no Chile e no Peru². Mas não é destas mulheres que vamos tratar porque estas apenas representam uma ínfima parte das mulheres letradas que, conscientes da fragilidade da sua circunstância, ousaram ultrapassar as barreiras (de)limitadoras da sua condição.

Doçura e força raramente se acham unidas, disse Humbolt expressando a distinção tradicional entre o carácter feminino e o masculino. Na verdade, as mulheres foram afastadas da conquista, mas disputadas na colonização. O Estado entendia que as famílias se deviam manter unidas e que a imagem da mulher honrada devia ser preservada, pelo que produziu legislação vigorosa sobre a emigração de casados e sobre a emigração feminina.

Já que vamos dar a voz a mulheres anónimas, àquelas que constituíram o grosso da presença feminina europeia na América espanhola, façamos um breve enquadramento jurídico.

Desde as primeiras viagens de descobrimento, regulamentaram-se quer a ‘emigração’ quer o comércio. Globalmente, os mesmos diplomas legislativos mantiveram-se em vigor, mediante confirmações sucessivas, ao longo do séc. XVI. Apenas alterações pontuais foram introduzidas em função de alguns desajustamentos inevitáveis. A elevada produção legislativa não exprime eficácia absoluta. Pelo contrário, as sucessivas promulgações da mesma lei revelam transgressões frequentes. Neste sentido, há dois campos onde a eficácia é particularmente discutível: a emigração estrangeira e a emigração de casados. Embora não estivesse autorizada a passagem às Índias, sem licença, milhares de estrangeiros estabeleceram-se nas Índias clandestinamente. Os casados, se desacompanhados de suas

uma vasta obra (autos sacramentais, comédias profanas, textos argumentativos, etc.) é pela poesia lírica, filosófica e satírica que conquista um lugar de destaque na literatura barroca hispânica. Para mais informação, ver G. Sabat de Rivers – *El sueño de Sor Juana Inés de la Cruz*. Londres, 1977 e Otavio Paz - *Sor Juana Inés de la Cruz o Las trampas de la fe*. Barcelona, 1982.

² Sobre Catalina de Erauso a historiografia espanhola é bastante profícua. Destaque-se L. de Castresana – *Catalina de Erauso, la monja alférez*. Madrid, 1968; J. Bernez – *Catalina de Erauso, la monja alférez*. San Sebastian, 1975 e o estudo de Gema Areta Marigó - «Rutas de la identidad: la Monja Alférez Doña Catalina de Erauso» in *As rotas oceânicas, sécs. XV – XVII: actas das IV Jornadas de História Ibero-americana*. Coord. Maria da Graça Ventura. Lisboa: Ed. Colibri, 1999 .

mulheres, só aí podiam permanecer durante três anos. Mas muitos permaneceram sós durante largos anos e as esposas apenas tiveram notícia deles por ocasião da restituição de bens dos defuntos³.

Em 1530, Carlos V, em cédula reafirmada pelos seus sucessores, obriga todos os casados e desposados a levarem consigo as suas mulheres, ainda que sejam vice-reis, ouvidores, governadores, ou aqueles que forem servir em quaisquer cargos e ofícios de guerra, justiça ou Fazenda. Em 1539, Carlos V e, em 1575, Filipe II, proíbem que a Casa da Contratação emita licença a mulheres solteiras para passar às Índias. As mulheres casadas só poderão obter licença se passarem em companhia de seus maridos, ou constando que eles estão naquelas províncias e com eles vão fazer vida conjugal. Os mesmos monarcas, por cédulas de 1550, 1561 e 1563, concedem aos mercadores casados a faculdade de passarem às Índias apenas por três anos. Terminado este prazo terão de regressar na primeira ocasião, sob pena de prisão e expulsão. Mas se os mercadores casados disserem que querem viver e permanecer nas Índias, e que querem levar suas mulheres, e oferecerem garantia de fiança de levá-las dentro de dois anos, as justiças das Índias deverão autorizá-los a permanecer aí, desde que as fianças sejam equivalentes à quarta parte dos seus bens, no caso de excederem mil ducados, ou, desde que paguem os ditos mil ducados se os seus bens ultrapassarem este valor. Se, logo que forem passados os três anos, não afiançarem, serão compelidos a regressar, sem qualquer prorrogação.

Filipe II, por cédulas de 1557 e de 1561, determina que se algum mercador tiver passado às Índias sem a sua mulher pelo prazo concedido, e depois de cumprido voltar a estes reinos, o Presidente e juizes da Casa da Contratação não o deixem passar de novo por nenhuma via, nem forma, sem levar a sua mulher.

Os próprios escravos negros, se forem casados, não podem passar sem levar consigo as suas mulheres, ou filhos; e para que conste se são casados, quando tiverem de passar e fazer-se registo deles, deve-se tomar juramento às pessoas que os levarem, decreta Filipe II em 1570.

³ Ver legislação publicada na *Recopilacion de leyes de los reynos de las Indias* mandadas imprimir y publicar por la Magestad Católica del Rey Don Carlos II. Madrid: 1791. Ed. fac-similada, Madrid, 1998.

Portanto, a legislação era muito clara no que respeita à emigração de casados. Deveriam fazer-se acompanhar de suas mulheres, ou, sendo mercadores, regressar ou reagrupar a família ao fim de três anos. As mulheres solteiras não tinham autorização para viajar a não ser que acompanhadas de familiares ou se fossem reconhecidas como criadas de passageiro com licença. Por cá, a situação económica das mulheres solteiras e viúvas era francamente precária, sobretudo, nas classes baixas. Não é, pois, de estranhar que as Índias atraíssem as solteiras que tinham posses para pagar a viagem.

A restrição, para os casados na Península, à permanência prolongada nas Índias, levou muitos viajeiros a omitir o seu estado civil ou, raramente, a fazer-se acompanhar das esposas. A maioria casava nas Índias ou amancebava-se. O seu estatuto social reflectia-se no casamento que concretizavam nas Índias. As mulheres espanholas eram as mais disputadas, sobretudo as filhas dos conquistadores, seguindo-se as índias filhas de caciques. Os homens de estatuto social mais baixo casavam com mestiças, índias de baixa condição, mulatas ou negras.

Entre 1509 e 1519, o número de mulheres que passaram às Índias foi muito escasso. Segundo Peter Bowman⁴, partiram apenas 308 mulheres, a maioria procedente das grandes cidades, representando cerca de 5,6% da emigração total. Dirigiam-se quase todas a Santo Domingo que era então a colónia mais segura e civilizada. Salvo os poucos casos em que uma mulher viajava sozinha para se reunir ao marido, a maioria das mulheres viajavam em grupo, geralmente acompanhadas dos maridos, pais, filhos ou parentes. Algumas mulheres solteiras, quase sempre sevillhanas, viajavam como «criadas», termo que poderia ocultar um ofício distinto. Entre 1520 e 1539, a percentagem de mulheres que passam às Índias sobe ligeiramente, atingindo já os 6,3%.

A emigração feminina cresce à medida que se vai configurando e estruturando o espaço de conquista. Ou seja, no período de colonização a presença feminina é mais acentuada não só pela sedentarização crescente, como pela atracção que a América exercia sobre uma população carenciada e sem grandes perspectivas de melhoria, ou sobre a fidalguia que disputava os cargos lucrativos na administração do território. Cresce a emi-

⁴ Peter Boyd-Bowman - *Índice geobiográfico de cuarenta mil pobladores españoles de America en el siglo XVI*. T. I. México: Fondo de Cultura Económica, 1985.

gração global e cresce a emigração feminina. É preciso ter em conta que a Coroa estimulava o reagrupamento familiar nas Índias através de uma sistemática produção legislativa. Como vimos, os homens casados eram compelidos ao reagrupamento sob pena de expulsão. Entre 1540 e 1559 a proporção de mulheres emigrantes quase duplica, atingindo os 16,4%. Nas duas décadas seguintes estes valores atingem os 28,5%⁵, ou seja, em cada três emigrantes encontrava-se uma mulher. De facto, as licenças publicadas no *Catálogo de pasajeros a Indias* e as cartas privadas de emigrantes nas Índias permitem constatar esse crescendo.

1. Mulheres nas expedições de descobrimento e conquista

As viagens de descobrimento e as expedições de conquista eram uma aventura masculina. São raras as mulheres que acompanham os conquistadores. Podem partir de Sevilha, mas ficam em Cuba ou Santo Domingo esperando o regresso das expedições⁶. Logo, nas crónicas de descobrimento e conquista são as mulheres índias que merecem a atenção dos cronistas – participantes, como Bernal Díaz del Castillo ou o Fidalgo de Elvas. As raras mulheres europeias que participam nesta acção só se destacam pela sua formosura ou por associação a episódios dramáticos.

Fernando Cortés, casado com Catarina Pacheco, deixou a esposa em Cuba quando partiu para o México (1519). Havia algumas mulheres na expedição, mas apenas uma merece a atenção do cronista-soldado Bernal Díaz del Castillo que relatou a conquista de Nova Espanha⁷ – dona Marina, cacica e filha de grandes senhores, e senhora de muitos povos e vassallos, filha repudiada, «excelente mulher e boa língua».

⁵ Peter Boyd-Bowman - «La emigración española a América: 1560-1579» In separata da revista *Studia Hispanica*. Madrid: Honorem R. Lapesa, 1974.

⁶ Dona Isabel de Bobadilha, esposa de Fernando de Souto, ficou em Havana enquanto seu marido comandava a malograda expedição à Florida (Cf. *Relação verdadeira dos trabalhos que o governador D. Fernando de Souto e certos fidalgos portugueses passaram no descobrimento da província da Florida. Agora novamente feita por um fidalgo de Elvas*. Ed. lit. de Maria da Graça Mateus Ventura. Lisboa: CNCDP, 1998. [1ª. ed. 1557].

⁷ Bernal Díaz del Castillo – *História verdadeira de la conquista de la Nueva España*. Ed. lit. de Carmelo Saenz de Santa Maria. Madrid: CSIC, 1982.

Os caciques mais impressionados e temerosos dos espanhóis (pelas oportunas demonstrações de bombardas e cavalos) ofereciam aos conquistadores as mulheres mais bonitas e de nível social mais elevado. Ainda na costa mexicana, Cortés e os seus capitães recebem um primeiro grupo de índias que repartiram entre si depois de procederem ao seu baptismo. Entre estas encontrava-se Marina, a futura conselheira e intérprete de Cortés, de quem, aliás, viria a ter um filho, embora viesse a casar com um fidalgo espanhol – Juan Jaramillo.

As filhas ou sobrinhas dos caciques, oferecidas aos espanhóis, são baptizadas com título de Dona e nomes cristãos, naturalmente, e, de seguida, repartidas entre os chefes militares. Em Cingapacinga, Cortés recebeu uma mulher muito feia que aceitou com bom semblante por ser sobrinha do cacique e baptizou-a de Dona Catarina. A filha de outro grande cacique foi chamada de Dona Francisca. Esta, «para índia, era muito formosa» e Cortés deu-a a um seu capitão. Outras índias, de baixa condição, que iam integrando a hoste, moíam e preparavam o pão e as tortilhas. Em Tlascala os caciques oferecem a Cortés as suas filhas donzelas mais formosas. Diz o cronista: «cinco índias formosas, donzelas e moças, e para ser índias eram de bom parecer e bem ataviadas». Em Tenotchtlán já Cortés tem um harém quando recebe a filha de Montezuma. Depressa os capitães espanhóis engrossariam a hoste com a sua descendência.

Claro que os soldados comuns não desfrutavam da repartição de mulheres. Alguns eram casados e deixaram as mulheres e os filhos em Espanha ou em Cuba. A desilusão ia-se instalando à medida que a viagem se prolongava, os trabalhos aumentavam e os benefícios tardavam⁸. Era tal a falta de mulheres na hoste que aqueles que as conseguiam, ferravam-nas, de preferência às escondidas para não terem de pagar o quinto.

Nas festas organizadas pelos conquistadores as escassas mulheres presentes eram alvo de atenções especiais e a sua participação permitia iludir a memória das ausentes e amenizar a dureza de um quotidiano penoso. Em Tenotchtlán, Cortés organizou um banquete e um baile para comemorar a vitória sobre os índios e a prisão de Guatemuz, sucessor de Montesuma. Com vinho e porcos que haviam chegado de Cuba, com

⁸ Díaz del Castillo ilustra bem esta situação dizendo que um soldado, antigo piloto e homem do mar, casado e com filhos em Espanha, adoeceu de tristeza por ver que Cortés estava enriquecendo à custa dos soldados - «um no papo e outro no saco e outro no sovaco».

sonhos desvairados de ouro, no meio de grande desconcerto, arredaram-se as mesas e o baile começou. «Saíram a dançar as damas que havia, com os galãs carregados com as suas armas, que era de rir, e foram as damas que aqui nomearei, que não havia outras em todos os arraiais nem em Nova Espanha: primeiramente a velha Maria de Estrada, que depois casou com Pedro Sánchez Farfán, e Francisca de Ordáz, que se casou com um fidalgo que se dizia Juan González de León; a Bermuda, que se casou com Olmos de Portillo, o do México; outra senhora mulher do capitão Portillo que morreu nos bergantins, e esta por estar viúva, não a sacaram para a festa; e uma fulana Gómez, mulher que foi de Benito de Vegel; e outra senhora formosa que se casou com um Hernán Martín, que veio a viver em Oaxaca; e outra velha que se dizia Isabel Rodríguez, mulher que naquela altura era de um fulano de Guadalupe; e outra mulher algo velha que se dizia Mari Hernández, mulher que foi de Juan de Cáceres, o rico; de outras já não me recordo que as houvesse em Nova Espanha»⁹. Quase todas velhas, como realça o cronista. Mas havia mais uma mulher, que não parece ter participado no baile. Era D. Filipa de Araújo, «uma senhora portuguesa», que se casara havia pouco com Cristóbal de Olid, capitão de Cortés, enviado em missão de reconhecimento a Michoacán donde regressou logo que pôde, carregado de ouro, «por ser recém-casado, e a mulher moça e formosa».

As poucas mulheres europeias que assistiram à conquista do México, emolduravam os cenários festivos. Em 1538, já Cortés feito Marquês e Nova Espanha com o seu primeiro vice-rei, preparou-se uma espectacular festa para celebrar as pazes entre Carlos V e Francisco I. Cenários fantasiados com bosques recheados de feras, aves e índios; justas, jogos de canas, corridas de touros, e outros «grandes disfarces». Tudo observado pelas «muitas senhoras, mulheres de conquistadores e outros vizinhos do México, que estavam às janelas da grande praça.... pois as refeições que se davam a todas aquelas senhoras assim às das janelas como às que estavam nos corredores e lhes serviram maçapães, alcorças¹⁰ e diacidrão¹¹, amêndoas e confeitos, e outros maçapães com as armas do marquês e outras com as

⁹ Díaz del Castillo, *ibidem*, cap. CLVI.

¹⁰ Alcorça é uma massa de açúcar com que se costuma cobrir vários géneros de doces.

¹¹ Diacidrão é um doce de casca de cidra.

armas do vice-rei... »¹². Depois, dois banquetes - um na casa do vice-rei e outro na casa do Marquês del Valle. No dia seguinte continuaram os festejos, com corridas de cavalos e corridas de mulheres desde os portais do tesoureiro até às casas reais. A vencedora recebeu jóias de ouro.

Na relação da expedição de Fernando de Souto à Florida¹³ feita pelo Fidalgo de Elvas, as mulheres também desempenham papel secundário, embora estejam sempre presentes, quer como escravas quer como vítimas dos confrontos, ou ainda no seu quotidiano. São poucas aquelas que são tratadas nome. Na verdade, nem sequer as cristãs desfrutam desse privilégio, à excepção de Dona Isabel de Bobadilha, esposa do governador. Curiosamente, o fidalgo regista o nome de duas índias que o cacique de Pacaba, atemorizado pelos conquistadores, ofereceu a Souto como esposas e que este aceitou. Eram duas irmãs que o cacique oferecia «em sinal de amor, para que dele se lembrasse e as levasse por mulheres: uma se chamava Macanoche e a outra Mochila: e eram muito bem dispostas, altas de corpo e envoltas em carnes: a Macanoche era de bom parecer e em sua arte e fisionomia parecia senhora: a outra era robusta»¹⁴.

Também na narrativa da conquista da Florida há uma índia principal, sem, contudo, se assumir como protagonista do desenrolar da expedição. Senhora de muitos povos foi feita prisioneira por Fernando de Souto e levada pela hoste durante muitas léguas para que fosse persuadindo os naturais a aceitar o poder dos invasores. Trata-se da cacica de Cutifachiqui que, apesar da guarda que lhe foi montada, não tardou em fugir. A caminho de Guaxule, percorridas 250 léguas, a cacica, «indo um dia com suas escravas que a levavam se afastou do caminho e entrou em um mato, dizendo que queria fazer suas necessidades e assim as enganou e se escondeu pelo mato, e ainda que a buscaram não se pode achar»¹⁵. Com a cacica fugiram dois negros, um deles escravo de um português e dizia-se por ali que «era muito certo que tinham conversação de marido e mulher».

¹² Díaz del Castillo, *ibidem*, CCI.

¹³ Ver nota 6.

¹⁴ Fidalgo de Elvas, *ibidem*, cap. XXV.

¹⁵ Idem, *ibidem*, cap. XV.

A apreciação física das mulheres naturais, bem como o relato de episódios referentes a fugas de cristãos com índias, reflecte quanto o mundo dos sentidos era importante para uma hoste em itinerância tão prolongada. A mulher era considerada mercadoria importante, para os conquistadores, como se depreende do episódio de troca de duas índias por duas camisas. Não esqueçamos que nestas expedições as mulheres tinham uma participação muito reduzida. Na hoste de Souto apenas há notícia de uma que acompanhava o marido - Francisca de Hinistosa, casada com o soldado Hernando Bautista, que «estava em dias de parir» e morreu queimada no povo de Chicaça quando os índios incendiaram a aldeia ocupada pelos espanhóis. As mulheres índias eram, pois, alvo da atenção dos soldados e os caciques sabiam-no. Por isso, acreditavam que podiam comprar a sua tolerância e o seu respeito oferecendo-lhes as suas donzelas mais formosas. Os cronistas do México e da Florida ilustram e salientam muito bem esta situação, não se coibindo de expressar apreciações estéticas ou funcionais. Para além da reacção à beleza ou à fealdade, a funcionalidade da mulher enquanto cozinheira era muito apreciada e frequentemente os próprios conquistadores solicitavam aos índios que lhes dessem mulheres para moer o maíz e preparar as tortilhas e o cazabe.

Ruy Díaz de Guzmán, na sua narrativa sobre as viagens e expedições no território que designa por Argentina¹⁶ e que, na realidade, se reporta a toda a região do Prata, Uruguai e Paraguai, centra-se na aventura guerreira masculina. Mas, para ilustrar a fome em Buenos Aires, em 1536, devido ao cerco efectuado pelos índios, relata a aventura vivida por uma mulher espanhola. Os vivos comiam as carnes dos mortos, os excrementos, sapos, cobras e tudo o que apanhavam. Sucedeu, então, que uma mulher espanhola, não podendo suportar tal adversidade foi constrangida a sair do arraial. Subindo ao longo da costa, caminhou sem parar até que, já noite, encontrou uma gruta. Entrou e deparou com uma leoa que estava parindo, com muita dificuldade. Desmaiou com o susto e caiu como morta. Quando recuperou a consciência a leoa apiedou-se dela e não a atacou. A mulher, embora fraca e receosa, usou o pouco alento que lhe restava para ajudar ao parto de dois leõezinhos. A leoa saía em busca de comida para os filhotes e repartia a carne com a mulher, como agradecimento. Até que uns índios que andavam

¹⁶ Ruy Díaz de Guzmán – *La Argentina*. Madrid: Historia 16, 1986.

pela costa toparam com a mulher que bebia água na praia, e levaram-na e um deles tomou-a por mulher. Passado algum tempo, os espanhóis, em correria pelas aldeias índias, encontraram-na e, por ter fugido, o capitão Francisco Ruiz Galán mandou que a atassem a uma árvore, uma légua fora do povoado, para ser devorada pelas feras. De noite, acudiram muitas feras e entre elas vinha a leoa a cujo parto a mulher assistira. A leoa defendeu-a das outras feras e ficou de guarda toda a noite, o dia e a noite seguintes até que, ao terceiro dia, os soldados voltaram e encontraram-na viva com a leoa e os leõezinhos a seus pés. Admirados com o instinto e humanidade da leoa, os espanhóis levaram a mulher, ficando a leoa a soltar ferozes bramidos, «mostrando sentimento e saudade da sua benfeitora, e fazendo ver, por outro lado, o seu real ânimo e gratidão e a humanidade que os homens não tiveram». Deste modo, ficou livre a mulher que se chamava Maldonada «que melhor se podia chamar Bendonada»¹⁷.

Tal como a generalidade dos cronistas, para Díaz de Guzmán as mulheres espanholas só são mencionadas se forem protagonistas de episódios invulgares. Embora este faça raras referências a mulheres índias, é autor da primeira descrição de tatuagens femininas na Argentina: «As mulheres destes índios (Jarayes) lavram a cara, braços e peitos, furando as carnes com umas espinhas, e pondo nas cisuras certas cores, que fazem mil labores vistosos e diversas pinturas em forma de camisas e jubões com suas mangas e colarinhos; com cujos debuxos, como elas são brancas e as pintam negras e azuis, parecem bem»¹⁸.

2. Mulheres ausentes nas Índias

Tendo presente o quadro legislativo introduzido no início deste estudo e a ressalva feita quanto ao seu cumprimento, veremos que a maior parte dos homens, embora casados, partem sozinhos e nem todos procedem ao reagrupamento familiar. As mulheres que partem, são, naturalmente, casadas ou acompanham os pais ou os irmãos. As que partem sozinhas obtêm a licença, geralmente, como criadas.

¹⁷ Idem, *ibidem*, pp. 123 e 129.

¹⁸ Idem, *ibidem*, p. 179.

Entre 1492 e 1557, dos 413 portugueses que identifiquei como via-geiros para as Índias Ocidentais, apenas 11 são mulheres¹⁹. Destas, 6 casam nas Índias, 4 vão para o México com o pai e os irmãos²⁰ e 1 reside em Buenos Aires com os pais. Dos 62 casados, a maior parte casou com mulhe-res espanholas, outros com mulheres portuguesas e alguns com crioulas, muito poucos com negras. Entre as portuguesas, destaque-se Dona Maria de Orrego, que viaja como dama de companhia, de família nobre de Portugal, e casa no Novo Reino de Granada com o capitão António de Olalla, sendo uma das primeiras seis mulheres europeias a residir em Santa Fé de Bogotá²¹.

Entre 1580 e 1640, o panorama não se altera. Entre 1000 portu-gueses no vice-reinado do Peru, encontram-se apenas 27 mulheres²². Embora o número de casados seja elevado, não conhecemos a naturalidade de todas as esposas, sendo muitas tidas como naturais da terra, sobretudo em Cartagena das Índias, sem prejuízo da possibilidade de serem filhas de pais portugueses aí residentes. Das 27 mulheres, 19 são casadas, 5 são viúvas e 3 negras da Guiné passam às Índias como criadas. Refiro-me a mulheres portuguesas, já que a emigração de mulheres espanholas se encontra melhor documentada e, obviamente, os valores são muito superiores.

As mulheres ibéricas nas Índias eram rodeadas de servas índias e manifestavam claro desdém pelas mulheres e concubinas indígenas toma-das pelos conquistadores espanhóis. Na história linguística as mulheres, desempenharam um papel conservador pelo que foram bastante importan-tes na manutenção do castelhano. A conversa era, então, a diversão predi-lecta das mulheres, pelo que, embora o seu número fosse escasso, devem ter contribuído poderosamente para a formação do primitivo dialecto espa-nhol – antilhano, servindo de modelo, tanto na linguagem como na sua pos-

¹⁹ Ver estudo da autora - *Portugueses no descobrimento e conquista da Hispano-América: viagens e expedições (1492-1557)*. Lisboa: Colibri /ICIA, 2000.

²⁰ Estas mulheres (Francisca, Isabel, Leonor e Margarida) foram para Higuera com o pai (Fernando Álvares Colaço, viúvo) e cinco irmãos. Eram todos naturais de Angra (Cf. *Catálogo Pasajeros a Índias*. vol. II (1535-1538). Sevilha: 1942).

²¹ Ver Rodríguez Freyle, *Conquista y descubrimiento del Nuevo Reino de Granada*. Madrid: Historia 16, 1986. p. 112

²² Este estudo integra-se na investigação que a autora desenvolve no âmbito do seu projecto de doutoramento na FLUL sobre «Portugueses no vice-reinado do Peru: mobili-dade, vivências, cumplicidade (sécs. XVI-XVII)».

tura social, para as numerosas mulheres indígenas das colónias insulares.

As mulheres ausentes nas Índias mantinham os laços com os seus familiares na Península através da correspondência. Enrique Otte publicou 650 cartas privadas de emigrantes nas Índias de Castela (1540-1616)²³. Dos 529 autores, apenas 51 são mulheres, embora a mulher se encontre entre os principais destinatários, na qualidade de esposa, mãe, filha ou irmã. Entre as cartas escritas por mulheres, escolhi alguns exemplos que documentam o sentimento de ausência quer em relação à terra natal quer em relação aos filhos ou netos. Naturalmente que se impõe uma ressalva. As cartas não foram necessariamente escritas pelas autoras, podiam ser ditadas o que era comum numa sociedade onde predominava a iletracia. Ditada ou autógrafa, a organização da carta seguia cânones epistolares que os sucessivos manuais de escrita publicados ao longo da época moderna estabeleciam como norma, quer para os secretários quer para os escreventes vulgares. Creio, contudo, que o essencial da mensagem fica registado com a marca do autor. Não tendo consultado as cartas originais, não pude proceder ao esclarecedor confronto entre a assinatura e a grafia do texto, embora o teor de algumas cartas nos possibilite, sem margem para dúvida, atribuir ao autor a redacção da carta.

D. María de Esquivel y Castañeda escreve, do México, a sua neta D. Juana de Osório, em Sevilha, a 14 de Set. 1590. Queixa-se que escreveu, várias vezes, cartas duplicadas a que a neta só lhe respondeu duas vezes. Só, velha e enferma, pede à neta que se junte a ela, pois o primo cuidará dela como se fosse seu pai: «E certo, filha minha, que, como vosso pai deixou esta pouca fazenda com tantas dívidas... e como sou só e velha e enferma, e não tenho quem me ajude, todos me tiram um pedaço, e muitos dias há que vos teria chamado, o que só agora pude fazer porque vosso primo foi a Sevilha... Deus vos traga com bem a esta cidade, que com a vossa vista recuperarei saúde, que de noite não penso outra coisa, senão que confio em Deus que vos há de trazer a minha casa com saúde». Esta carta revela a fragilidade da condição da mulher viúva e o desejo de reagrupamento com os seus descendentes, não só para manter e consolidar a fortuna como para amparo e protecção numa terra ainda estranha. Poderíamos falar da condição de viúva, já que nas Índias, como na Península, a mulher viúva, identificada

²³ Enrique Otte – *Cartas privadas de emigrantes a Indias: 1540-1616*. Sevilha: EEHAA, 1988. As cartas citadas, em seguida, foram extraídas desta obra e traduzidas pela autora.

sempre por associação ao marido defunto, se assumia, naturalmente, como gestora dos seus bens e curadora e tutora dos seus filhos. Mas aqui e agora prende-nos o sentimento de ausência, não sendo os excursos oportunos.

Outra missiva. Ana Hernández, também viúva, escrevendo de San Salvador, a seu genro Juan de los Reyes, em Pastrana, em 6 de Dez. de 1570, lamenta a lonjura que a separa da filha e do genro e solicita o reagrupamento. Os dois argumentos mais frequentes nas cartas femininas para os familiares – saudade e gestão da fortuna. Vejamos: «Desejado filho: Senti tanto a vossa ausência e de minha filha Leonor Arias quanto tem sido causa de me acabar estes breves dias, e certo que, se entendesse que tanto me havia de lastimar meu coração e sentir tanta saudade e desconsolo, que, ainda que me custasse vida e fazenda, não vos deixaria apartar de minha presença, e sobre os meus trabalhos de vossa ausência foi Deus servido de me levar meu marido, vosso senhor, desta vida, com o qual fiquei desconsolada, e um e outro sinto tanto que não posso significá-lo em palavras, mais que esta carta me retardará, depois de Deus, estes poucos dias que me ficam com algum consolo, esperando vossa vinda». Após um extenso rol de queixas por se encontrar sozinha, conclui com uma desesperada advertência: «Uma coisa vos aviso, e é que, se não vierdes a dar-me esta alegria, e com brevidade, que visto não ser vossa vontade vir a esta terra, disporei de tudo segundo Deus me der a entender, e entenda que aí não irá um só real».

Outra viúva, Maria Bazán de Espeleta, escreve de Tamalameque (Santa Marta) a seu genro Pedro de Medina, em Jerez de la Frontera, em 25 de Abril de 1575. Maria Bazán era letrada e de condição social elevada pois ela própria afirma que o seu marido era muito amigo do governador de Cartagena das Índias. Trata-se de uma carta autógrafa, como se depreende pela sua escrita, o que eleva o seu valor semântico:

«Mui amado e desejado filho meu de meu coração:

(...) E é como por meus pecados me levou Deus meu marido, Juan de Espeleta, véspera de Todos Santos. Fiquei a mais triste e desconsolada mulher do mundo. E depois de sua morte me vieram tantas perdas e desgraças, que se me fugiu uma partida de negros que valiam 4.000 pesos, e mataram um cristão. (...) Como sou mulher, tudo se perdeu, e ficaram-me mais de 10.000 pesos de dívidas. Só me fica para meu consolo a sua boa morte, que morreu como um apóstolo, e soube a hora em que havia de morrer. Tenho necessidade que um filho dos vossos, o maior, venha no primei-

ro navio ou caravela que vier, porque, segundo me chegou esta grande desdita e perda, creio será minha vida pouca... O vinho que me enviou e as passas, tudo se tomou em Cartagena por bens de defunto que devia, e assim não os gozei. Se houver lugar de enviar-me uma pipa de tinto para mim, me dará muita alegria. Não posso escrever com lágrimas, considerando que pensei ir acabar os meus dias entre eles, e agora pela minha grande desdita estou tal que, se Deus não me sustentasse um pouco a minha vida, eu não ousou representar aqui o que sinto para não se acabar a vida que, em tomando a pluma e considerando o que tenho dito, vão em cada carta mais lágrimas que letras, ao pensar que, se Deus não me provém de vida, não vos verei mais. (...) Creio que não há-de entender bem esta letra, que com lágrimas não vejo o que escrevo, e para dar-lhe a si e à minha amada filha consolo com a minha letra, não quis que criado meu a escrevesse. (...) Veja que tal estou que a primeira folha da carta vai escrita ao contrário, e para não escrever outra vai assim. Se é vida, filho da minha alma, que estou tal que tive medo de perder o juízo. Porque estava uma das mais amadas e invejadas e prósperas mulheres das Índias, e se não considerasse que é feito pela mão de Deus e me abraçasse na sua paixão e me consolasse com a sua boa morte, não sei o que faria de mim. (...) Não lhe peço, meu amado filho, que venha para cá, ainda que fosse acrescentar-me muitos anos de vida, se não que como a mim me aconteceu esta desdita de não morrer em minha casa, não queria que à luz dos meus olhos lhe acontecesse algo, que pelo demais totalmente daria a vida. (...) E à minha amada filha, que entenda que a amo mais que a mim, pois para não lhe tirar o seu marido e consolo careço eu dele, e isto o tenha em grande serviço, porque debaixo do céu para mim não haveria igual alegria e saúde. Tudo seja, meu amado filho, como aí o ordenarem; que assim serei eu muito contente». Termina «Ao meu amado filho de minha alma, sua mãe, que mais que a sua vida o deseja». É uma carta amarga reveladora de uma imensa solidão, ausente da família e da terra. De uma das mais amadas e invejadas mulheres das Índias, tornou-se a mais triste e desconsolada mulher do mundo. Em cada carta que escreve vão mais lágrimas que letras ao ponto de com lágrimas não ver o que escreve. Talvez assim consiga comover seu genro para que lhe envie o neto mais velho, presença masculina que facilitará a gestão dos seus bens, e uma pipa de tinto, bem precioso nas Índias ainda tão escassas nesta produção.

Do Panamá, escreve Francisca de Trujillos a sua filha e genro residentes em Valladolid, a 9 de Maio de 1578. Não é apenas uma carta de

chamamento, mas também uma carta que revela os ideais de honra, respeito e obediência em que assentava a educação feminina cristã. Francisca corresponde-se regularmente com seus filhos. Solicita à filha, recém-casada, que parta para Santa Marta, que venda todas as herdades e aguarde a remessa da mãe para a viagem. Relembra à filha, casada com um livreiro pobre, que todo o dinheiro que receber da mãe conta como dote pelo que tudo deverá ser anotado e contabilizado. O marido que se vá habituando ao valor do real não abusando da fortuna da mulher. Nas Índias poderá, então, acrescentar a fortuna à virtude.

Palavras de Francisca: «Amados filhos: Recebi vossas cartas, umas com meu irmão Hernando Pecero e as outras com Juan Jiménez del Ríó, o qual está agora nesta cidade e vos escreve. No que, filha, me mandais dizer teres passado e passardes muito trabalho, estou informada que será assim, e dói-me tanto e doeu-me que não sei como o signifique. Para isso nascemos neste mundo, para passar trabalho, e que se eu significasse o que tenho passado, são bastantes, mas em ser pessoas boas e virtuosas Deus se recorda delas nas maiores necessidades. Pesa-me que vosso tio tenha usado tantas crueldades convosco; deve tê-lo feito por não ter vós sabido levar a vontade. Como quer que seja, é vosso sangue, e tereis de aguentá-lo como vosso pai, pois não conhecestes outro. (...) Escreveste-me que sois casada com um livreiro, homem de bem, e que estais pobre e passais trabalhos. Que tenhais bom marido me dá muita alegria. Que não seja rico, se é virtuoso e homem de bem e bom cristão, Deus lhe dará a fazenda, maiormente que, pois Deus me deu vida até saber de vós, espero na sua Divina Majestade que ma dará até ver-vos bem remediados. E assim é minha determinação que, vista esta, procureis que vosso marido saque licença no Conselho Real para poder vir a estas partes e ao Peru, e, sacada, vendais as herdades que vosso tio vos deu, e vinde a Sevilha, onde é minha vontade que estejais até que tenhais ordem do que haveis de fazer. (...) O que vos enviar tereis por muito, e sabereis governar assentando-o nas costas de vossa carta de dote, e escrevendo-o logo o recibo dele. E ainda que seja pouco, tê-lo-eis por muito, porque quem vos hei de dar sempre e remediar-vos como filhos, é preciso vá sabendo vosso marido o que vale o real. E vindo cá, Deus querendo, os remediaremos e daremos ordem nas vossas vidas. (...) Deus vos encaminhe como pode e vos me deixe ver com bem, e ver-vos e remediar-vos debaixo da minha asa».

3. O reencontro real com o marido ausente

Geralmente as cartas visavam a chamada de um parente à América, chamada esta quase sempre acompanhada do envio de dinheiro para a viagem. Os fretes eram pagos no destino, mas era necessário dinheiro para os gastos de viagem. Quando a esposa ou os familiares directos não se reagrupavam, era normal o envio regular de dinheiro, sobretudo para as esposas. O dinheiro era entregue a pessoas de confiança que regressavam a Espanha, mas era frequente estes ficarem com o dinheiro. Por outro lado, os emigrantes temiam o sequestro forçoso das remessas pela Coroa. Por vezes estas remessas incluíam dotes para casamento. Geralmente era preferível que as mulheres casassem em Espanha, antes de embarcar para as Índias onde o dote era mais elevado. Ao contrário, os homens preferiam casar nas Índias, como se pode confirmar em várias cartas privadas, como a de Hernando Gutiérrez, do Panamá, em 1583, a seu filho sobre o casamento da neta. Diz que em Espanha, dando-lhe Deus saúde e bom sucesso, a poderá casar ou meter na religião, como ela quiser, com mil ducados, enquanto nas Índias «... a que é filha de homem honrado para casá-la honradamente, na boda gasta-se mais de dois mil ducados, e lhe há-de dar mais de cinco ou seis mil pesos pelo menos».

Entre os mais de mil portugueses que, entre 1580 e 1640, estiveram ou passaram pelo vice-reinado do Peru, a maior parte eram casados com mulheres aí residentes. São muito raros aqueles que levaram as suas esposas. Normalmente partiam sem licença, e quando eram identificados pelas autoridades já tinham obtido o estatuto de vizinhos pelo casamento com mulheres naturais. Embora fosse muito apertado o controle sobre os estrangeiros, sobretudo nos portos, devido ao tráfico negreiro, muitos logravam naturalizar-se alegando fundamentalmente o casamento, a residência prolongada e a fortuna. O casamento, para estes homens, representava não só uma possibilidade de naturalização como a criação de um pecúlio que lhes permitiria desenvolver um negócio. Muitas vezes o total dos seus bens era constituído pelo dote da esposa. Já vimos que o dote nas Índias era mais elevado que em Espanha. De facto, entre os portugueses que casaram nas Índias encontramos uma média bastante alta. As filhas ou netas de conquistadores eram as que ofereciam dote superior, com uma média de 3.000 pesos e valores que oscilavam entre os 5.000 e os 1.200 pesos. As crioulas apresentavam um dote cuja média rondava os 2.500

pesos embora os valores fossem por vezes discrepantes – 6.000 e 600 pesos. As mulheres de Sevilha, casadas em Cartagena das Índias, levavam de dote entre 10.000 e 3.000 pesos. Uma mulher sevilhana, Maria de Soto, levou um dote valioso – casa, estância, escravos, prata lavrada e casa movida, tudo no valor de 10.000 pesos - quando casou em Cartagena das Índias com o português Diogo Dias de Oliveira. O património desta família teve, de facto, um começo promissor²⁴.

O estabelecimento da relação entre o dote da mulher e a profissão do marido permitir-nos-ia concluir sobre o papel do casamento no desenvolvimento da economia familiar e sobre a mobilidade social na sociedade colonial. Além da importância económica do casamento, manifestada muito claramente no valor do dote, evidencia-se ainda a importância dos escravos negros (sempre presentes nos dotes das mulheres mais ricas) e da casa (muitas vezes, só por si, todo o dote). Casas, chácaras, estâncias e negros, eram sinais exteriores de riqueza comuns às famílias ricas. Em suma, o valor da mulher como esposa era relativizado pelo valor do património de que era portadora para a constituição do novo núcleo familiar.

Muitos emigrantes casados solicitam a ida das esposas para evitar o pagamento da multa ou o desterro. Mas a maioria parece fazê-lo por amor, a crer na correspondência privada. O emigrante tinha um elevado conceito da mulher, cuja principal qualidade era a honra. Gaspar dos Reis escreve a sua esposa «Bem meu, olha pela honra, não seja parte nada que se perca» ou Juan de Cabeza a sua irmã: «as mulheres que são honradas, honradas vão e vêm». Prometem uma vida folgada a suas mulheres. Escreve, de Lima em 1570, Alonso Hernández a seu irmão: «Por cá as mulheres não fiam nem lavram, nem entendem em preparar de comer nem em nenhumas outras fazendas, senão sentadas nos estrados, senão folgando com visitas às amigas que combinaram ir às chácaras e outros folguedos». Cristóbal de Becerril, de Lima, para a esposa em Sevilha: «Se tem em muito as espanholas que não servem nem fazem coisa nenhuma, que tudo o fazem as negras». Alonso Márquez, de Santo Domingo, escreve a sua mulher, em 1587: «Nesta terra não se usa serviço de mulheres brancas, que para vosso serviço eu vos prometo duas escravas, uma que já tenho, que a comprei logo que vim e me custou 350 ducados, que é muito boa cozinheira».

²⁴ AGI, *Santa Fé*, 56B, N. 73A.

A ausência da mulher era dolorosa, como diz Diego de Navarrete, de Santo Domingo, lamentando a sua sexualidade reprimida: «O amor que eu sempre, senhora, vos tive, vos tenho e terei todos os dias da minha vida até que morra, e a maior dor que tenho é não vos ter comigo, para poder agradecer-vos e servir-vos como eu o desejo, porque não como nem durmo a não ser convosco, pois perdi tão boa conjuntura... se vós, senhora minha, estivésseis já cá, não se podia empregar melhor que em vós, porque nesta terra as mulheres são muito custosas... já, senhora, podeis pensar que vida podem fazer por cá os homens sem as suas mulheres, porque nunca faltam desaguadouros, ainda que sejam melhores, porque por fim são de carne, e é a maior guerra, ainda que por mim até agora não se poderá dizer isso».

A carta que Sebastián Pliego escreve, de Puebla, em 1581, a sua mulher Marí Díaz, acrescenta à anterior a manifestação de um desvelo paternal. São conselhos de viagem para o melhor conforto da esposa, quer no navio quer em casa, já nas Índias: «Mui desejada e querida mulher: A presente é para fazer-vos saber como, louvado seja Deus, Nosso senhor, estou bem de saúde, com muito desejo de ver-vos. No navio de aviso vos enviei cartas que foi ao chegar a esta cidade de Los Angeles, e vos mandei avisar do que devíeis fazer. Primeiro, mediante Deus e sua bendita mãe, é que, vista a presente, vendais tudo quanto tendes aí, assim sorte como o que há em casa, sacado o pano que puderdes, e compra linho, traz tudo o que puderdes, e mais uns novelos de linho, para que gasteis em vossa casa, se Deus quiser, e um saco de alecrim e alfazema. Trazei as verónicas porque cá há outras imagens. Olhai que tendes de vir com meu irmão e com o vosso, que de tudo precisareis».

Com muito detalhe dá-lhe todas as recomendações para a travessia atlântica: «Olhai que não tomeis câmara nem camarote, senão um rancho²⁵ como os demais. Olhai que não há de pagar frete a criança que mama. A cada um vos darão para o mar meio azumbre de água, digo-vos que meteis doze botijas de água, ou mais se quiserdes. De pão metei para cada um, um quintal de biscoito, e para todos um quintal de passas, três presuntos de toucinho, amêndoas, açúcar, uma arroba de peixe, outra de cação, especialmente um celamim²⁶ de grão de bico, avelãs. De casa tra-

²⁵ Um rancho era o espaço delimitado pelas arcas, no convés, ao ar livre. Aqui dormiam e comiam os passageiros durante toda a viagem.

²⁶ Medida de capacidade para secos que equivale em Castela a 4. 625 ml.

zei uma boa sertã e um assador, colherão, e uma colher. Em Sevilha comprei uma folha de arame, pratos e escudelas, mais um fervedor; de vinho duas arrobas, de vinagre outras duas, e uma arroba de azeite, e mais o que for de vossa vontade²⁷. Comprei duas arcas para deitar tudo o que haveis de comer, ou vos roubarão tudo, e para que durmais em cima, e não dormis só, senão com meus irmãos, que para todos haverá». De seguida, especifica os passos necessários para a obtenção da licença de passagem e do ajuste do frete de viagem: «O primeiro que deveis de fazer, ireis à Casa da Contratação apresentar o vosso cuidado, e logo ajustar o frete. Olhai que por minha mão vão contados os *reales* que vos darão, que são cem pesos».

Se a mulher recusar o reagrupamento, Sebastián traça-lhe o futuro: «Se não vierdes, juro-vos a Deus e a esta cruz que não vereis mais *reales* meus nem carta em meus dias.» Não admira, pois, que a ausência da esposa, ou o receio de expulsão por ser casado, lhe cause profundo desgosto: «Olhai que sem vós não posso viver. Por isso, por amor de Deus, que vindes, pois vai bom cuidado. Não digo mais, senão que antes que eu morra vos veja com meus olhos. Que as lágrimas que eu derramei por vós todos os dias principais não me pagareis com quanto há. Olhai que queria ver-vos contar, para que saibais que não digais que são mais trinta que quarenta».

Diego de Espina, de Lima, escreve a sua mulher em Sevilha, em 1597. Lamenta a falta de notícias porque há seis anos que a mulher não lhe escreve. É funcionário régio e parece que conseguiu ludibriar a lei, pois, embora sendo casado, vive no Peru há mais de 6 anos sem que a mulher se lhe tivesse juntado:

«Minha senhora, tanto descuido haveis tido em avisar-me da vossa saúde, já vai para seis anos, que se não fosse pela fé que tenho do vosso amor e vontade para comigo, creia que nos ninhos de antanho não haveria pássaros este ano, e que com a ausência haveis perdido a memória de mim. (...) Todavia estou, embora com saúde e descanso, servindo ao rei,

²⁷ Pão, queijo e vinho era a ementa fundamental da bordo. Só os mais abastados recorriam às passas e às avelãs como sobremesa. Os porcos e as galinhas eram levados vivos. O cação era o peixe mais comum. O azeite e o vinagre eram temperos fundamentais. Sobre o quotidiano a bordo, ver Pablo Emilio Pérez-Mallafina - *Los hombres del océano. Vida cotidiana de los tripulantes de las flotas de Indias. Siglo XVI*. Sevilla: Expo 92, 1992.

nosso senhor no lugar de *tenedor* de abastecimento das suas reais armadas neste porto do Callao, mas com muito desgosto e pouca quietude por não vos ter a meu lado, que convosco e vossa sombra, segundo a fortuna se me tem mostrado próspera, as minhas coisas e fazenda teriam crescido como espuma, que, embora tenha alguma, não tenho rendimento delas enquanto vós não as possuídes pessoalmente».

Diego pede que a esposa vá ter com ele para o que lhe envia uma quantia em dinheiro e alinha alguns conselhos sobre a roupa que deve usar em viagem: «Parece-me dinheiro bastante para que à pressa façais um vestido de caminho de alguns desses buréis que se usam de uma cor honesta e outro par dos negros ou pardos com seus mantos, com que podeis saltar nos portos e com um baú e vossa cama, e oito ou dez camisas, façais matalotagem para vós e uma criada, que se a achardes de vossa idade seria mais a propósito que muito moça».

Alicia a mulher dizendo-lhe que esta só tem de se preocupar com a bagagem pois em Lima terá a casa provida: «Repare, senhora, que só tereis de comprar o que for mester para vosso vestido e matalotagem à pressa, que cá achareis todo o serviço de casa, camas e mesa feito de novo, que começo agora para quando em boa hora chegardes. Até à morte, vosso Diego de Espina».

4. O reencontro virtual - a restituição de bens de defuntos

Muitas mulheres casadas não chegavam a reencontrar os seus maridos. Estes, iludindo as autoridades indianas, ficavam por lá e só no testamento restabeleciam o contacto virtual com as esposas e a família. Os bens, convertidos em numerário, eram, então, mediante um processo moroso, restituídos à esposa.

O marinheiro João Fernandes partiu de Portimão para Guayaquil, cerca de 1584, deixando Maria Vaz «emprenhada». De Maria Vaz temos notícia quando se desencadeia o processo de restituição dos bens do seu marido²⁸, defunto em Guayaquil em 1605. Logo que soube da sua nova condição de viúva, por edital lido numa missa dominical na igreja matriz de Portimão, a mando da Casa da Contratação de Sevilha, Maria manda

²⁸ AGI, *Contratación*, 280^A, N. 2, R. 3.

redigir uma petição para que lhe seja entregue a herança de seu marido – 27. 696 maravedis correspondentes a 112 pesos de *reales de a ocho*. Ficámos então a conhecer alguns aspectos da sua biografia. Ausente das Índias, longe do marido que a deixara havia 14 anos, aguardava, como tantas outras mulheres, novas do marido ou remessa de algumas quantias para aliviar a sua condição precária. Diz na petição que o marido partiu, antes de ela «parir», para as «partes das Índias de Castela». À criança que nasceu pôs o nome de André. João Fernandes suspeita de que tem um filho, di-lo no testamento, mas desconhece-lhe o nome. A provar a legitimidade de Maria Vaz como herdeira, depõem várias testemunhas de Portimão: um oleiro, três mareantes familiares indirectos de Maria, uma vizinha. Confirmam a identidade e o estado – Maria foi casada e recebida segundo preceito divino à porta da igreja matriz de Portimão com João Fernandes, marinheiro, e que coabitando ambos de suas portas adentro se ausentou o dito João Fernandes desta vila para as partes das Índias de Castela. Maria teve um menino de nome André que tem 13 anos e vive com a mãe. É provável que este tenha partido para o Peru, mais tarde, como grumete ou já marinheiro. Era assim, os laços familiares, a fama de fortuna fácil e o gosto pela aventura, motivam muitos a partir, muitos para não mais voltar, nem sequer para vir buscar as mulheres. Como Maria Vaz há muitas outras mulheres que esposas, mães ou irmãs, acabam por reaver parte do pecúlio dos ausentes nas Índias, nas partes do Peru ou em Nova Espanha. Longe, os maridos lembram-se delas nos testamentos e nos baptismos forçados dos índios ou dos negros que compram para seu serviço. São os nomes das mulheres da família que querem manter presentes, sem pruridos étnicos.

Conclusão

A título de balanço desta aproximação à vivência feminina nas Índias Ocidentais, poderemos destacar alguns pontos que nos parecem essenciais. Em primeiro lugar, é óbvio que a emigração feminina para as Índias foi muito menos significativa que a masculina e que a percentagem de mulheres peninsulares nas Índias cresce na 2ª metade do século XVI, à medida que o espaço se reorganiza administrativa e economicamente. Decorre desta realidade que, numa escala de valor social e económico, as

mulheres espanholas eram as mais valorizadas, seguindo-se as naturais filhas ou netas de conquistadores. Na base da pirâmide encontravam-se as índias, as mulatas e as negras. Negras cujo número aumenta com a intensificação do tráfico negreiro a partir de 1595. A abundância de negras como escravas domésticas faz crescer o número de mestiças ou mulatas.

Em segundo lugar, apesar da proibição da estada prolongada nas Índias para os casados na Península, sem as mulheres, a realidade contraria a legislação sistemática. Os maridos apartados escrevem às mulheres ausentes prometendo-lhes uma vida folgada e amor eterno. Outros só se lembram delas no fim dos seus dias, legando-lhes bens de morosa e complicada recuperação. As mulheres nas Índias anseiam pelo reagrupamento, muito mais que aquelas que ficaram. As viúvas lamentam a sua solidão e a dificuldade em gerir, no feminino, a sua fortuna.

Sobre as mulheres a informação vem, quase sempre, por via masculina. Só na epistolografia as mulheres controlam o espaço de conto da sua aventura, como emissoras ou como receptoras.